

# A ECONOMIA NA HISTÓRIA DO BRASIL

Major JORGE E. M. FORTES

Este trabalho nada mais é que a compilação do que há escrito nos livros mencionados na bibliografia

1ª Palestra :

- Antecedentes
- Ciclo do pau brasil

## INTRODUÇÃO

A História do Brasil, como toda História Política, é influenciada pelos fatores econômicos. A situação econômica de um país reflete-se poderosamente na atuação do povo, e conseqüentemente do governo, gerando esta os fatos políticos que constituem a História.

Descoberto por um povo economicamente caracterizado pela exploração de produtos que lhe dessem lucros imediatos, o Brasil se tornou a base do comércio português, sendo seu desenvolvimento econômico condicionado à procura e desenvolvimento daquilo que, em cada época, fôsse mais lucrativo na Europa. Daí a tendência monocultural quantitativa que nos caracterizou até poucos anos atrás e que tem ainda tão grandes repercussões em nossa economia.

Esta pode, por isso, ser nitidamente subdividida em fases ou ciclos, em que a prioridade dada à exploração de um produto alija os demais das preocupações dos colonizadores e, posteriormente, dos capitalistas nacionais.

O primeiro ciclo foi o do pau brasil, seguido do da cana de açúcar, do da mineração e, finalmente, do do café. Cada um deles não pode, em geral, ser definido por datas precisas. O ciclo corresponde ao período áureo da explo-

ração. A queda na procura de cada um dá origem a fases de transição, de pesquisa e desenvolvimento de outro, com reflexos imediatos na orientação do governo, da metrópole ou da nação. Nem o fim do ciclo significa o abandono do produto : êle continua a ser explorado e a dar lucros, mas sem a característica de domínio sobre os demais, que goza em seu apogeu.

## ANTECEDENTES

Saindo da obscuridade da Idade Média, os povos europeus voltavam-se para as preocupações do corpo, buscando para seu conforto não só o luxo das pedras preciosas e fazendas, como os condimentos para a preservação e preparação dos alimentos.

Os relatos de Marco Polo foram causa indefinida da busca daquelas especiarias orientais, provocando o incremento comercial e dando a Veneza e Gênova as riquezas que possuíram, graças ao monopólio do contacto com as Índias.

Veneza apanhava em Alexandria as especiarias trazidas pelo Oceano Índico e Mar Vermelho ; os barcos genovezes iam ao Mar Negro receber as demais mercadorias, trazidas pelas caravanas que percorriam a "estrada das sedas", através a Ásia Central.

(\*) Série de 4 palestras realizadas no C.P.C.E.E.M.



Adquirindo o sentimento nacional após a batalha de Aljubarrota (1385), o povo português obedeceu ao destino histórico determinado pelas condições de seu território: lançou-se à navegação, estimulado pela febre de riquezas e pelo obstáculo criado com aquêle monopólio das repúblicas itálicas.

Da Escola de Sagres, fundada pelo infante D. Henrique, no início do século XV, saíram os navegadores que, procurando contornar a África, foram avançando pelo Mar tenebroso, estendendo paulatinamente a conquista portuguesa, até que Bartolomeu Dias, dobrando o Cabo das Tormentas e reconhecendo parte da costa oriental africana, permitiu o feito de Vasco da Gama, que encerrou vitoriosamente o século de tenacidade dos portugueses.

A importância do descobrimento português foi acrescida pelo fato de, meio século antes, terem sido fechadas a "rota das especiarias" e a "estrada das sedas" pela conquista de Constantinopla pelos urcos, não tendo sido diminuído com a descoberta de Colombo, porque éste não trouxe para a Europa, como fez o Gama, as tão cubiçadas riquezas das Índias.

#### CICLO DO PAU BRASIL

No momento em que o Brasil foi descoberto, Portugal ainda nem mesmo havia tomado conta do novo monopólio, embora se tenha garantido contra o novo competidor, a Espanha, pelo Tratado de Tordesilhas. Foi a esquadra destinada à execução efetiva do comércio com as Índias, montada para o estabelecimento dos entrepostos, que arribou ao Brasil, intencionalmente ou não, Ela aqui não se demorou, nem mesmo para everiguar o que a terra possuía e até onde se estendia. Seus tripulantes viram, contudo, um valor imediato na "ilha" descoberta: boa para nela refrescarem e fazerem aguada as suas (de el-rei) armadas da Índia" (Pero Vaz Caminha).

Recebendo a notícia da nova sessão, D. Manuel apressou-se a mandar investigar a possibilidade

de lucro que lhe poderia dar. A esquadra que partiu do Tejo em 1501 percorreu a maior extensão possível da costa, procurando algo comerciável; caracterizou, porém, a terra dizendo que dela "si tira grande quantidade de canafistula e do pau brasil — e não achamos mais nada de valor".

Assim definido, o Brasil não podia interessar a um rei que começava a abarrotar a Europa com os produtos das Índias, a ponto de caírem as cotações da pimenta e do cravo na razão de 4 para 1.

Essa descrição da terra relegou-a a plano secundário nos cuidados do soberano português, cuja intenção, ao mandar outra esquadra exploradora em 1503, é ainda obscura.

Tal não se deu com os judeus perseguidos pela Inquisição e com outros governos europeus que, como Francisco I, declaravam "nunca ter visto a cláusula do testamento de Adão que concedia tal império exclusivamente a D. Manuel e a Carlos V".

O pau brasil, desde o século XIII, era empregado nos trabalhos de marcenaria e nas fábricas de tecidos, para obtenção de tinta escarlate. Durante esse século, constava nas listas tarifárias aduaneiras como matéria corante.

É portanto com a expedição de 1501 que se inicia o primeiro ciclo econômico brasileiro: o do pau brasil. Era a única riqueza aparente, comercialmente explorável, embora de valor muito menor que os dos produtos indianos.

Este ciclo se caracterizou, no início:

- pelo abandono da terra pelo governo português;
- pela exploração irrestrita do produto, por todos aquêles que aqui viessem e conseguissem a amizade dos indígenas;
- pela ausência de povoamento colonizador da terra, restringindo-se as povoações, lançadas ao longo da costa, em pontos favoráveis à ancoragem e aguada das esquadras, a meros entrepostos coletores do produto obtido pelos indígenas.



Desta fase datam as expedições do cristão-novo Fernando de Noronha que contratou o comércio do pau brasil e preconizou a colonização hebraica nesta terra, pois "ao sul do Equador não havia pecado"; além dele, muitos portugueses levaram de volta a Portugal as caravelas carregadas da madeira valiosa, quando a fatalidade não os surpreendia com um naufrágio, muito comum para o tipo de embarcação utilizada, como atestam Diogo Álvares Correia e João Ramalho.

Dentre os estrangeiros, os mais assíduos navegadores das costas brasileiras eram os franceses, a sôdo dos armadores de Dieppe (João Anjo), Honfleur e S Malô, cujo monarca prometia atender às reiteradas reclamações de Lisboa, mas continuava a conceder cartas de côrso e a se enriquecer com o contrabando.

A partir de 1510 começou a decair o valor comercial dos produtos das Índias, mas foi só depois de 1530 que a política de empréstimos na Holanda e Flandres, resultante da queda dos preços, e a perda de navios e tripulações provocaram o declínio da supremacia dos mares pelos portugueses.

Já era outro o rei de Portugal, livre da obsessão de seu antecessor, vendo com outros olhos a possessão americana, preocupando-se com o desvio da riqueza da terra, sem maiores vantagens para a coroa portuguesa. Procurou fazer valer o monopólio real no comércio do pau de tinta, organizado esquadras guarda-costas para expulsão dos estrolopos. Deviam os capitães fundar feitorias, à semelhança das Índias, que garantissem os bens da fazenda real. Tal foi a origem de Iguarassu, em Pernambuco, fundada por Cristóvão Jaques.

Também houve a preocupação de melhor definir a extensão da terra, levando a esquadra de Martim Afonso o reconhecimento ao norte, até a baía de Gurupí (Diogo Leite) e ao sul, até o Rio da Prata (Pero Lopes de Souza), que os reis

portuguêses tentaram fazer a fronteira natural do domínio lusitano.

O sistema das armadas guarda-costas não podia porém surtir efeito em tão enorme extensão. Logo após a passagem da esquadra, os francêses facilmente se estabeleciam, tanto que, de volta ao norte, Pero Lopes teve de combater 70 dêles, estabelecidos em Iguaraçu.

Lutando com dificuldades financeiras, Dom João III lançou mão do sistema feudal das capitánias para melhor garantir a possessão, oferecendo aos fidalgos empobrecidos uma oportunidade de refazer seu patrimônio.

Nada despendendo na colônia, a coroa garantia para si os melhores lucros da terra, pois se reservava o monopólio do pau brasil, drogas e especiarias, o quinto dos metais e pedras preciosas e o dízimo dos demais produtos. Embora ainda não tivesse sido desvendada a riqueza mineral do Brasil, o rei já a previa, porque os tesouros dos Incas já haviam sido descobertos e era corrente a crença de que "o Oriente era mais rico que o Ocidente". Martim Afonso já havia sido levado por esta preocupação do ouro ao entregar ao degredado Francisco Chaves, em Cananea, uma tropa de 80 homens, com os quais êle deveria organizar uma expedição "contra o inca", da qual porém não se teve mais notícia desde que se internou no sertão.

A maioria das capitánias fracassou, não só pela inaptidão do português que veio colonizá-las, como pela atuação dos indígenas encontrados em algumas. O reinol que vinha, então, para o Brasil era da pior espécie, porque os melhores, os guerreiros ilustres, a nobresa abastada, ainda continuavam a ser encaminhados para as Índias. Acompanharam os donatários, os seus prepostos, apenas aqueles que queriam aproveitar-se de uma oportunidade de enriquecer facilmente e os sujeitos a penas na metrópole. Não encontrando facilidades na terra, pobre e inexplorada, não se sujeitaram à situação de lavradores, pois,



para tal, não teriam deixado o reino.

Sómente quando o donatário era "severo, estrito, obediente à lei, duro no chefiar", como se dizia de Duarte Coelho, foi possível a prosperidade da capitania, com o abandono delas pelos transgressores da lei e "cabeças esquentadas e inquietas".

Não podendo dominar seus próprios auxiliares, alguns donatários viram seus esforços de colonização destruídos pelos selvagens hostis, continuando a costa a mercê dos aventureiros franceses.

O fracasso dessa segunda tentativa de colonização, comprovado na metade do século XVI, coincide com o princípio do fim do primeiro ciclo econômico. Muito embora o pau brasil ainda continuasse largamente explorado na segunda metade do século e ainda tenha persistido o monopólio real até o século XIX, outro produto de maior valor começou a atrair a atenção dos colonizadores: o açúcar.

De 1550 a 1600, processou-se a fase de transição, mas o problema da manutenção da colônia se manteve ainda sério para o governo português, pois os corsários franceses continuavam a considerar "terra de todos" esta possessão. Portugal procurou então corrigir a dissociação de esforços dos donatários, organizando o Governo Geral, autoridade superior da colônia, com três preocupações principais: fiscalizar os direitos da coroa, instituindo o Provedor-Mór; administrar justiça, corrigindo a impunidade resultante do direito de couto e homizio dado às capitânicas (Ovidor-Geral); auxiliar os donatários na luta contra os entrelopos, organizando esquadras sob o comando dos Capitães-Mores da Costa. Atendendo à situação moral dos colonos, vieram com o 1º governador alguns jesuítas e provocou-se o estabelecimento da diocese do Brasil.

A esta organização coube a tarefa de reunir num todo as colônias dispersas e de reprimir tentativas mais fortes de usurpação

pelos franceses, como a do Rio de Janeiro.

#### GUERRA DO PAU BRASIL

Calógeras chamou de "Guerra do pau brasil" a luta contra os franceses que durou quase um século (1520-1615).

A própria invasão do Rio de Janeiro por Villegagnon, atribuída por alguns à necessidade de um refúgio para os huguenotes perseguidos, perde esta razão de ser ao se investigar o procedimento do comandante francês, ao organizar sua tripulação com elementos católicos e protestantes, ao perseguir os genebrinos trazidos por Bois-le-Comte e ao abjurar as declarações calvinistas feitas a Coligny, talvez apenas para conseguir o apoio dêste à empresa, necessária para fazer refugir a fama de guerreiro que Villegagnon estava perdendo.

O estabelecimento da colônia de Serigipe deu incremento à navegação francesa para o Brasil, sentindo-se os traficantes de pau brasil mais seguros sob esta proteção armada. Mesmo depois de expulsos, os franceses tentaram manter um ponto de apoio em Cabo Frio, local já sobejamente conhecido por eles, nas expedições contrabandistas.

Não tinha outra característica o estabelecimento na ilha de S. Luis, da qual se apossaram depois de continuamente rechassados na costa nordeste. Charles de Vaux influenciou a rainha-mãe Maria de Médicis a auxiliá-lo com meios para estabelecimento de uma colônia definitiva, a tal ponto que ela e o infante apareciam na bandeira da esquadra em que La Ravardière veio para o Brasil. A exploração econômica do Maranhão foi, no entanto, voltada para o fumo e o algodão.

#### PRODUTOS ANCILARES

Durante este ciclo, de característica nitidamente comercial, apenas produtos que rendessem algo imediatamente poderiam cooperar na economia colonial. Embora Américo Vespúcio houvesse dito que de valor só havia canafístula



e pau brasil, as expedições que aqui vieram levavam também grande carregamento de aves, particularmente papagaios, de grande valor na Europa.

A caça aos índios se tornou também uma atividade rendosa nesta fase. A escravização dos mesmos foi tornada legítima em 1504. A indústria extrativa exigia emprego

de mão-de-obra conhecedora e barata. Ninguém melhor que o próprio indígena. S. Vicente ficou conhecido como o pórtico de exportação de escravos, uma vez que a costa do pau brasil estava mais ou menos delimitada entre o cabo de S. Roque e Cabo Frio.

(Continua)



## FUNCIONARIO MUNICIPAL

DOIS BENEFICIOS FACULTATIVOS DE IMPORTANCIA PARA A FAMILIA LHE OFERECE O MONTEPIO

### Pecúlio facultativo

(espécie de seguro de vida em condições excepcionais)

### Habilitação prévia

(permitindo o recebimento da pensão em trinta dias)

Procure conhecer as vantagens dêsses dois benefícios no Montepio dos Empregados Municipais

**Avenida Presidente Vargas, 1248**